

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 17

DEZEMBRO, 1961

OMETANÍMPE, OS "TRANSFORMADOS"

PROTÁSIO FRIKEL
Museu Goeldi

I. Os "Transformados" do Wáipa

Certa vez, conversando com os Tiriyo sôbre o rio Pará (de Oeste), êles me perguntaram, se tinha visto, perto da bôca do rio Wáipa, os "Ometanímpe", os "Transformados" ou "Encantados". Não conhecendo o assunto, indaguei. Fui informado que os "Ometanímpe" eram um grupo de seus antepassados que "viraram pedra". Julgava, então, que se tratava de pedras nas quais, com bôa dose de fantasia, poderiam reconhecer-se traços de conformação humana. As lendas, porém, despertavam o meu interêsse e resolvi olhar mais de perto o local. Deixo seguir, aqui, os mitos que ouvi, os fatos que encontrei e a tentativa de uma interpretação.

A lenda

Anotei dois pequenos relatos sôbre aquêle lugar. O primeiro é um tanto mais permenorizado e tem por informante Atchéfe, filho do tuxaua aramagóto (1).

"Quando um grupo dos Aibüba abandonou Mopéwaka para morar no Wáipa, deu-se o caso de sua transformação. Êles tinham maloca no Kuípia, num pequeno morro perto do

1. — Os Tiriyo dividem-se em várias sipes que constituem os grupos e subgrupos dêste povo. Um dêles são os Aramagóto, cujos ancestrais tinham a autodenominação de Aibüba.

Wáipa, mas um pouco acima da sua bôca. Certa vez, um grande temporal passou por cima da maloca. Reinava densa escuridão e parecia noite. Os Aibüba ficaram com medo. No segundo dia, o sol também não apareceu. Eles começaram, então, a chorar. A escuridão intensificou-se sempre mais e eles resolveram abandonar a maloca e ir para o campo aberto (na margem direita do Wáipa), para esperar ali o sol e a luz. Sentaram-se sôbre o lagedo, como rosto para o nascente, esperando a luz e o nascer do sol. Mas a noite era tão longa que não quis mais terminar. Angustiados esconderam o rosto entre os braços e sôbre os joelhos, esperando e chorando. A luz do sol porém não quis vir e eles não ousavam sair no meio daquela escuridão. Sentados esperavam... até se tornarem pedras. E assim ainda estão lá no lagedo do campo. É por isso que nós chamamos a êste lugar de : "Ometanimpe" (i. é: os transformados).

O segundo relato, embora mais curto e narrando, básicamente, o mesmo episódio, parece-me um tanto mais valioso, porque, devida a sua forma mais condensada, realça melhor o que parece de mais importante naquela lenda sôbre os transformados. O informante era o próprio tuxaua Marakutá, pai do já mencionado Atchéfe. Ele resumiu :

"Quando os Aibüba moravam no Wáipa, houve uma noite muito longa. O sol não quis aparecer. Eles saíram para o campo e se sentaram ali para esperar o aparecer da luz. Mas a escuridão não quis findar e os Aibüba não quiseram sair sem ver o nascer do sol. Assim ficaram sentados até se tornarem pedras. E lá ainda estão..."

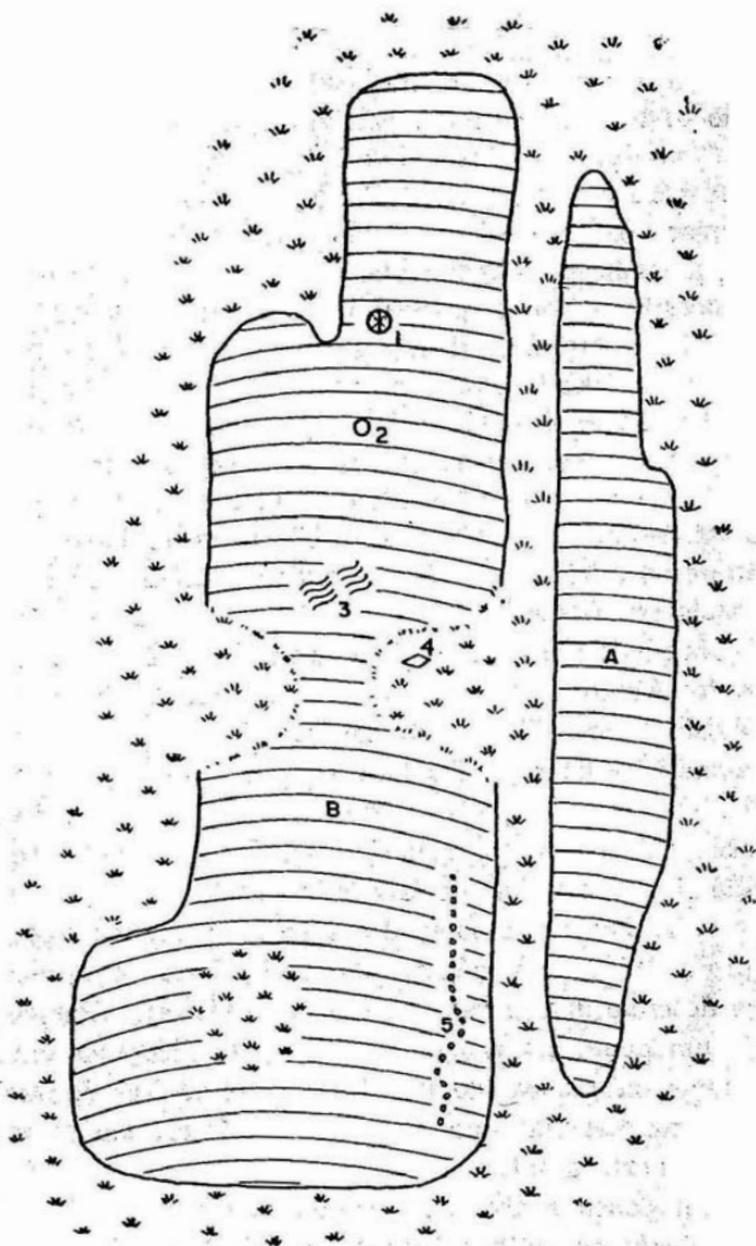
Os achados

No ângulo formado pela confluência do pequeno rio Wáipa com o Parú de Oeste, existe um lagedo no meio dos campos gerais. Dista 1 km. do Wáipa e 500 metros do Parú, aproximadamente. Na sua superfície, é bastante plano e, com exceção de um leve degrau, não mostra maiores irregularidades. Possui, porém, um declive do sul para o norte. Por uma faixa de capim de 2 a 3 metros de largura, o lagedo é di-

vidido no mesmo sentido norte-sul em dois trechos principais. O lado oeste, mais estreito, pela tradição é indicado como "caminho" ou "estrada dos antigos" (penatono êma). O trecho vizinho para o leste, bastante largo, é explicado como "aldeia" ou "lugar dos antigos" (penatono pata). E, justamente nesta parte, a tradição indígena encontra os vestígios petrificados dos ancestrais. O comprimento total deste setor principal mede 135 m., aproximadamente. Sua largura é de 35 m., no setor central, sendo que a ponta sul é mais estreita, com 18 a 20 m. enquanto a porção norte alcança cerca de 50 m. de largura. Destacam-se duas secções, divididas por um degrau natural, formando duas pequenas chapadas. A mais alta, ao lado sul, possui uma extensão de 67 m., a de baixo, ao norte, perto de 53 a 54 m. e o degrau divisório estende-se por uns 15 m. mais ou menos.

Na ponta mais alta do lagedo mostram-se ainda vários objetos dos Aibüba. Numa distância de cerca de 30 m. da ponta sul existe o "oripó" ou "torrador". A denominação não corresponde à realidade. Embora não se trate de um torrador para assar beijú, inegavelmente é feito por mão de homem, pois consiste numa gravura rupestre que se apresenta como um círculo riscado no chão do lagedo, com 90 a 100 cm. de diâmetro e cujas bordas possuem 3 a 4 cm. de largura com 0,5 cm. de profundidade em média. No meio desta roda encontra-se outro desenho que, porém, não é muito visível. Parece tratar-se de um ponto central, cortado por três diagonais em distâncias mais ou menos iguais. Bem reconhecível é, porém, somente uma diagonal que atravessa o círculo em rumo quase exato de norte a sul.

Um pouco abaixo do torrador fica o "maha", a "panela de bebidas" dos antigos (penatono maha), petrificada. Apresenta-se em forma de um buraco liso afunilado dentro do lagedo com 30x30 cm. de diâmetro. Esta "panela dos antigos", creio ser de origem natural. No seu aspecto parece-se muito com os funis cavados pela água, como frequentemente nas cachoeiras são encontradas.



CROQUIS DO LAGEDO DO WAIPA

- A. Penátono éma, o caminho  Aibüba.
- B. Penátono patá, o lugar (acampamento, aldeia) dos Aibüba.
1. Penátono óripo, o torrador dos Aibüba, uma gravura rupestre, circular.
2. Penátono mahá, a panela de bebidas dos Aibüba.
3. Penátono iménu, a pintura qu o desenho dos Aibüba.
4. Penátono pakará, o balaio dos Aibüba.
5. Penátono ou penátono tépu, a fileira de pedras dos Aibüba.

Outra cousa, também de origem natural, é a chamada "pintura dos antigos" ou "desenho dos antigos" (penatono imenu). É um curto trecho de lagedo com pequenas ondulações na superfície.

Vê-se ainda o "baialo dos antigos", petrificado, (penatono pakara; penatono âkai ene). Consiste numa pedra de uns 30x10x10 cm. em forma de losango. Os Tiriyo vêem nela um balaio do tipo âkai ene, cujo sistema de trançado é losangiforme. Pareceu-me uma pedra comum e não encontrei nela vestígios de trabalho humano.

Na parte inferior do lagedo, lado norte, encontra-se, porém, o que é de mais importância para o tema em foco: as pedras dos ancestrais ou, conforme a tradição: os ancestrais transformados em pedras. É uma longa fileira de pedras em linha levemente ondulada, numa extensão de 32,50 m. Esta fila começa 14 m. abaixo do degrau de declive e finda 7 m. antes da beira do campo. As pedras são tôdas chatas, geralmente mais compridas que largas, de forma triangulares ou retangulares. Não resta dúvida alguma que, em tempos idos, tenham sido colocadas neste lugar. Provavelmente foram tiradas do próprio local, pois para o lado nordeste e no próprio degrau de declive há rupturas no lagedo e aparecem camadas de pedras na mesma conformação, local donde bem possam ter sido tiradas. Como já ficou dito, a tradição quer que estas pedras sejam um grupo de Aibüba transformados. Contam-se um total de 52 pedras-ancestrais. No meio da fila está o "tamútupe", o "velho" ou seja o "chefe da sipe", uma pedra bastante volumosa. Partindo, na contagem, da posição desta pedra-chefe, existem 25 (atras maiores para ambos os lados da fileira e mais uma 26.^a, pequenina, para o lado sul, uma "pedra-criancinha". Os Tiriyo ainda dividem êstes "Transformados" em famílias e indicam, quais os homens e quais as mulheres e crianças.

Cerâmicas ou instrumentos líticos não se encontraram no local. Caso existam, devem estar soterrados debaixo do capim, nas beiras do campo.

Convém mencionar ainda o fato de que no recôncavo do Tumucumaque existem vários lugares, dos quais os Tiriyo relatam tratar-se de ancestrais transformados em pedras. Ouvi falar de, pelo menos, 4 sítios. Mas não os pude visitar e verificar, se êles todos são do mesmo estilo dos "Transformados" do Wáipa. Uma nova viagem àquelas regiões trará mais luzes sôbre êste e outros assuntos semelhantes.

Uma tentativa de interpretação

Comparando s traços mito-lendários acima referidos com o que de fato se encontra naquêle local, impõe-se quase de per si a idéia de que se trata de um lugar bastante antigo e, em sua disposição, também bastante primitivo, de um lugar frequentado e usado para reuniões e cerimônias tribais. Cerimônias, quiçá ligadas a um culto solar. De antemão seja dito : Provas seguras para esta asserção não existem. Há, porém, indícios que permitem a formulação de uma hipótese interpretativa, baseada sôbre indicações a serem referidas. Poderíamos, aí, distinguir entre

- 1) conclusões, provavelmente seguras ou certas, tiradas à mão do material existente, das circunstâncias do local, etc. e
- 2) conclusões hipotéticas, tiradas, principalmente, da tradição oral dos índios.

1. Começemos com o lugar mesmo. Os Tiriyo de hoje mencionam o lagedo como sendo u'a maloca petrificada, "encantada". Todavia, o local não é próprio para habitação. Por um lado, é uma lage estéril, de pedra nua à flor da terra, onde não se pode fazer casa ou aldeia. Ademais, os lados de NE a SE são formados por campos baixos que, durante grande parte do ano, tornam-se pantanosos. Com uma palavra, o local era impróprio para moradia, mas devido a seu nível um pouco mais elevado no meio do campo aberto e sua conformação plana, era mais apropriado para servir de local de reunião e de cerimônia. A falta completa de restos de cerimônias, etc., fala contra visitas muito demoradas do lugar, embora não se possa excluir, de antemão, a possibilidade de uma origem pré-cerâmica. Por outra : As moradias ficaram um pouco mais

